

ARTIGO

O legado de Bergman e Antonioni

A morte de dois grandes cineastas no final de julho – Ingmar Bergman e Michelangelo Antonioni – fizeram alguns de nós pensar e recordar. Pensar nos filmes que eles fizeram e recordar o impacto que provocaram. Suas obras não se enquadravam na bitola das narrativas tradicionais e eram acompanhadas de comentários e interpretações nem sempre fáceis de compreender. Bergman e Antonioni, cada qual a seu modo, eram cineastas ousados e inovavam tanto na linguagem quanto na abordagem de temas, como o silêncio de Deus (Bergman) ou o vazio da existência (Antonioni). Desse modo, não havia meio termo para as platéias: era amar ou detestar.

Fui rever alguns de seus filmes – *O grito* (1957) e *Depois daquele beijo* (1966), de Antonioni, assim *Gritos e sussurros* (1973), de Bergman – e não me decepcionei. Pelo contrário, fiquei satisfeito. Mesmo Antonioni – que incomoda pela frieza – não deixa de encantar com a construção de suas cenas: um casal em crise conjugal assistindo ao amanhecer, em *A noite*; a partida de tênis sem bolinha, em *Depois daquele beijo*; a explosão em câmera lenta de uma mansão, em *Zabriskie point*; ou o *traveling* final de *Passageiro: profissão repórter*. Cenas inesquecíveis!

Mas Bergman inegavelmente continua tocando muito mais. É o cineasta da alma, como já afirmaram tantos. *Gritos e sussurros* faz o espectador enveredar pelos temas humanos mais significativos: o sofrimento, a morte, o amor, a dificuldade de comunicação (do toque) e também o silêncio (ou o abandono) de Deus. No final do filme, no entanto, entendemos que a vida, apesar de todo sofrimento, comporta momentos de plenitude – como explicita a cena do passeio das três irmãs no jardim, acompanhadas da empregada. Que cena! O espectador, após acompanhar o sofrimento, a morte e o enterramento de Agnes, assiste a empregada ler o diário de Agnes e encontrar o registro do passeio. Um simples passeio de mulheres,

vestidas com longos trajes brancos. Um momento fugaz de encontro fraterno entre irmãs, anunciando toda a grandeza possível (humanamente possível) das trajetórias humanas.

Em outros títulos, Bergman já indicara isto: a grandeza de alguns momentos ao longo de uma vida, mesmo uma vida amarga. Em *Morangos silvestres* (1957), um velho professor relembra um amor antigo e constrói momentos em que se fundem o passado, o presente e a imaginação. Momentos/cenas magnificamente construídos por Bergman! Construções que atestam as possibilidades grandiosas do homem em dar sentido para a vida. Em *Fanny e Alexander*, um homem discursa durante uma festa e inventa e enfeita todas as possibilidades dos encontros familiares, apesar de tantos desencontros e desacertos. Sentidos/elaborações que também podem ser feitos por nós, simples espectadores de cinema.

Deste modo, o esforço de pensar e recordar o que produziram Bergman e Antonioni me trouxe um Bergman que eu não compreendi integralmente nos anos 70, quando comecei a assisti-lo. Percebi-me mais distante dos dilemas dos personagens de Antonioni (a súbita perda de significado da vida para o operário de *O grito*; as complexas relações entre a arte e a vida, em *Depois daquele beijo*) e mais próximo dos sentimentos e inquietudes humanas que Bergman filma nos interiores vermelhos da casa de Agnes, em *Gritos e sussurros*. Sofrimento, amor, morte; sonho e pesadelo – no cinema bergmaniano tudo isso se encontra, se dilacera e nos encanta. O filme produz um registro sensível da alma humana, que provavelmente é único na cinematografia. Uma contribuição e um legado que muitos de nós continuarão apreciando por muito e muito tempo (até que a Indesejada das Gentes – a Morte – venha se anunciar para nós).



“Filmes, registros sensíveis da alma humana”

Vitor Biasoli

Professor do departamento de História da UFSM

DICA CULTURAL



FILME

Filme: **O SOL É PARA TODOS** Quem viu? Fritz Nunes*

Direção: Robert Mulligan Duração: 129 minutos

Baseado no romance “To kill a mockingbird”, que recebeu a maior láurea da literatura norte-americana em 1961, o prêmio Pulitzer, o filme *O sol é para todos*, de 1962, tem um enredo primoroso e atuações elogiáveis. Dirigido por Robert Mulligan e produzido por Alan J. Pakula, o filme tem a interpretação primorosa de Gregory Peck, que faz o papel de um advogado branco, extremamente honesto. Mesmo contra a vontade de uma maioria da comunidade racista de uma cidadezinha do interior do Alabama, ele decide defender um negro acusado de tentativa de estupro a uma moça branca. O drama é ambientado no período pós-depressão econômica dos Estados Unidos, em 1935, e aborda temas importantes como a violência infantil e o racismo. A película foi vencedora de três Oscar. Imperdível para quem gosta de clássicos do cinema.

(*Jornalista da assessoria de imprensa da SEDUFSM)